18 de agosto de 2017

PREVISÕES AGRÍCOLAS
31 de julho 2017

Seca afeta a produção de cereais de outono/inverno e a alimentação dos efetivos pecuários

As previsões agrícolas, em 31 de julho, apontam para uma diminuição generalizada na produção de cereais de outono/inverno (globalmente cerca de -20%, face a 2016), consequência das condições adversas (temperaturas muito elevadas e baixos teores de humidade do solo) em que decorreu grande parte do ciclo cultural.

No tomate para a indústria as perspetivas são de uma boa campanha, prevendo-se um aumento da produtividade, que deverá rondar as 94 toneladas por hectare (+15% face a 2016). Também na batata de regadio esperam-se aumentos no rendimento unitário (+10% face à campanha anterior). Quanto ao arroz e ao girassol, a expectativa é de manutenção das produtividades alcançadas em 2016.

Os pomares apresentam, de um modo geral, avanços significativos no ciclo vegetativo, perspetivando-se aumentos de 20% na produtividade da maçã, pera e pêssego, face à má campanha de 2016. As vinhas também apresentam um avanço de duas semanas e, apesar de algumas manifestarem sintomas de *stress* hídrico, prevê-se um aumento no rendimento unitário de 10% face à vindima anterior.

O mês de julho caraterizou-se, em termos meteorológicos, como quente e seco. A temperatura média do ar apresentou um desvio positivo de 0,6ºC face à normal, tendo-se registado uma onda de calor[1] no período de 11 a 18 de julho nas regiões do interior. Em relação à precipitação, o valor médio no Continente foi de 5,3 mm, o que corresponde a pouco mais de 1/3 da precipitação normal (período 1971-2000). Face a este cenário, e de acordo com o índice PDSI[2], a situação de seca meteorológica estende-se praticamente a todo o território, verificando-se um agravamento no interior do Alentejo. No final de julho, cerca de 70% do Continente está afetado por seca severa e 9% por seca extrema.

Estas condições de estado do tempo permitiram que todos os trabalhos agrícolas se realizassem sem problemas, tendo ainda beneficiado o desenvolvimento da maioria das culturas de regadio. No entanto, verificaram-se situações em que os recursos hídricos disponíveis nas explorações são manifestamente insuficientes para fazer face às necessidades das culturas, nomeadamente no caso de vinhas e olivais no Alentejo (que em regime de sequeiro também apresentam já sintomas de stress hídrico). Regista-se ainda um acréscimo de explorações sem capacidade de satisfazer, com os recursos próprios, as necessidades de abeberamento dos efetivos pecuários, sendo cada vez mais frequente o

[1] Considera-se que ocorre uma onda de calor quando, num intervalo de pelo menos 6 dias consecutivos, a temperatura máxima diária é superior em 5ºC ao valor médio diário no período de referência.
[2] O índice PDSI (*Palmer Drought Severity Index*) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em IPMA - Monitorização da Seca - Índice PDSI - Situação Atual, *in* http://www.ipma.pt/pt/oclima/observatorio.secas/pdsi/monitorizacao/situacaoatual/, consultado em 14 de agosto de 2017.

www.ine.pt | Serviço de Comunicação e Imagem - Tel: +351 21.842.61.00 - sci@ine.pt

transporte de água a partir de reservas de água pública, a realização de novas captações de água e a instalação de sistemas de energia e de bombagem de reforço nas captações existentes, situações que acarretam um aumento dos custos e dificultam o maneio dos efetivos.

CLIMATOLOGIA EM JULHO 2017

Observação	Temperatura média do ar (ºC)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
A norte do Tejo								
Valor verificado	**21,5**	20,8	22,6	21,2	**7,7**	6,8	0,7	0,2
Desvio da normal	**0,3**	0,4	0,9	-0,5	**-6,4**	0,2	-3,2	-3,4
A sul do Tejo								
Valor verificado	**24,3**	22,9	25,4	24,5	**0,0**	0,0	0,0	0,0
Desvio da normal	**1,3**	0,8	2,0	1,0	**-4,5**	-2,5	-1,2	-0,8

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

No final de julho, o teor de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, diminuiu em quase todo o território, em particular na região do Alentejo e Algarve, para valores inferiores a 20%.

Pastagens e culturas forrageiras com produção abaixo do normal

Com a quantidade de precipitação muito reduzida ao longo dos últimos meses, o fim de ciclo dos prados e pastagens de sequeiro foi antecipado, não se tendo verificado qualquer regeneração, registando-se uma produção de matéria verde bastante abaixo do normal. O esgotamento destas áreas forrageiras conduziu a um intenso e antecipado recurso aos agostadouros[3], bem como a situações de suplementação com consumo de alimentos conservados produzidos na exploração (normalmente destinados a suprir as necessidades alimentares dos efetivos durante os meses de inverno) ou adquiridos (a preços que, face ao aumento da procura, têm aumentado para valores acima dos praticados na campanha anterior).

Área de milho de regadio para grão inferior a 80 mil hectares

A sementeira e a germinação do milho decorreram de forma regular, tendo-se observado muitos casos de antecipação das sementeiras como estratégia de gestão das disponibilidades hídricas, já nitidamente inferiores ao habitual na altura da preparação dos terrenos para a instalação desta cultura. A outra opção para gerir a falta de água foi o replaneamento das superfícies das culturas regadas, em especial das mais exigentes em termos de aportes hídricos (como é o caso do milho). Este facto, conjugado quer com as baixas cotações desta *commodity* (para níveis em que a rentabilidade desta cultura só é assegurada com produtividades muito elevadas), quer com o abastecimento do

[3] Restolho que fica no campo após a ceifa dos cereais, que serve de pasto aos animais em agosto.

mercado nacional com milho importado de boa qualidade, determinou uma redução na área semeada (-5%, face a 2016, e -17% face à média dos últimos cinco anos).

Continente

Culturas	Área						Índices	
	1 000 ha						2017* (Média 2012/16=100)	2017* (2016=100)
	2012	2013	2014	2015	2016	2017*		
CEREAIS								
Milho de regadio	93	102	98	88	80	76	83	95

* Dados previsionais

Arroz mantém produtividade semelhante à campanha anterior

As searas de arroz apresentam, de um modo geral, povoamentos homogéneos e boa coloração, encontrando-se na fase de emborrachamento/início de espigamento. A presença de infestantes é inferior à da campanha anterior e alguns ataques de aves restringem-se a zonas de produção com pouca expressão no total nacional. Nas áreas instaladas, inferiores às do ano anterior (devido, essencialmente, à escassez de água nas albufeiras da bacia hidrográfica do Sado), as disponibilidades hídricas são suficientes para satisfazer as necessidades desta cultura, pelo que se prevê uma produtividade semelhante à alcançada em 2016.

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	kg/ha						2017 * (Média 2012/16=100)	2017 * (2016*=100)
	2012	2013	2014	2015	2016	2017 *		
CEREAIS								
Milho de sequeiro	1 939	2 046	2 243	1 987	2 162	2 050	99	95
Arroz	5 999	5 970	5 819	6 346	5 808	5 800	97	100
CULTURAS SACHADAS								
Batata de regadio	18 789	19 105	21 311	21 396	20 900	23 000	113	110
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Girassol	534	639	1 056	1 242	1 441	1 440	147	100
Tomate para indústria	93 479	77 790	76 142	94 653	82 059	94 000	111	115
FRUTOS								
Maçã	17 139	21 117	19 844	23 321	16 829	20 200	103	120
Pera	10 350	16 858	17 497	11 648	11 373	13 600	100	120
Pêssego	7 977	6 405	11 382	12 518	8 361	10 000	107	120
Amêndoa	264	156	313	335	277	595	221	215
VINHAS								
Uva de mesa	7 231	6 940	6 885	9 173	10 210	10 700	132	105
Uva para vinho (hl/ha)	35	35	34	39	33	36	103	110

* Dados previsionais

www.ine.pt | Informações adicionais: Unidade de Comunicação e Imagem [Tel: 21.842.61.00 _ Fax: 21.842.63.73 _ uci@ine.pt]

Colheita da batata de regadio decorre normalmente

O tempo quente e seco, que tem permitido que a colheita da batata de regadio esteja a decorrer sem problemas, foi também responsável pela baixa pressão das doenças criptogâmicas sobre esta cultura (particularmente do míldio), registando-se um bom desenvolvimento dos tubérculos. A qualidade da batata colhida é, dum modo geral, boa, de calibre médio a grande e com bom poder de conservação. Prevê-se que a produtividade possa alcançar as 23 toneladas por hectare (+10%, face à campanha anterior). De referir que, pelo facto do preço da batata se encontrar abaixo do praticado no ano passado, muitos produtores estão a protelar a comercialização na expectativa de melhoria das condições.

Perspetivas de boa campanha no tomate para a indústria

As plantações do tomate para a indústria decorreram escalonadamente e sem incidentes. As searas encontram-se em estados fenológicos diversos, desde as que apresentam plantas ainda juvenis (a preencher apenas meio camalhão) até às que já estão com os frutos completamente maduros. A colheita iniciou-se em meados de julho e as primeiras previsões apontam para uma produtividade média de 94 toneladas por hectare, valor próximo do máximo das últimas três décadas (94,3 toneladas por hectare, alcançado em 2015). De referir que, nas principais zonas de produção, tem sido possível satisfazer as elevadas necessidades hídricas desta cultura, quer porque se observou uma pronta reação dos produtores à diminuição acentuada dos níveis dos aquíferos na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia (com o afundamento dos furos de captação de água), quer porque, ao contrário do que se chegou a temer, não se verificou a subida do nível de salinidade na tomada de água do Tejo na área beneficiada pela Obra de Rega da Lezíria Grande de Vila Franca de Xira.

Quanto ao girassol, o rendimento unitário deverá ser próximo do registado em 2016.

Produtividade das pomóideas aumenta 20% face a 2016

O estado vegetativo das pomóideas é bom, apresentando um avanço significativo do ciclo face ao habitual, prevendo-se que a colheita das variedades mais precoces tenha início na segunda semana de agosto. Nas maçãs, a queda localizada de granizo na zona de Beira Douro e Távora danificou parte significativa da produção, que terá de ser direcionada para a indústria. Ainda assim, globalmente, espera-se um aumento de 20% na produtividade desta cultura face à campanha anterior que, recorde-se, foi uma das menos produtivas da última década.

Quanto às peras, as temperaturas têm contribuído para o aumento do calibre dos frutos, num ano em que a carga é elevada. Não se registaram ataques anormais de pragas ou doenças e, excetuando nos pomares onde a presença do inóculo de estenfiliose é elevada, esperam-se colheitas com frutos de boa qualidade comercial. A produtividade deverá rondar as 13,6 toneladas por hectare, valor 20% acima da obtida em 2016 e muito próximo da média do último quinquénio.

www.ine.pt | Informações adicionais: Unidade de Comunicação e Imagem [Tel: 21.842.61.00 _ Fax: 21.842.63.73 _ uci@ine.pt]

Boas perspetivas para as prunóideas

Iniciada em meados do mês de junho, a colheita do pêssego tem decorrido com normalidade. A produtividade estimada desta campanha (10 toneladas por hectare), ainda que superior à da campanha anterior (+20%), foi afetada por condições climatéricas adversas na fase da floração/frutificação, nomeadamente por geadas que comprometeram o rendimento dos pomares situados nas zonas mais baixas.

Nos amendoais, e apesar da grande maioria da área ser feita em regime de sequeiro, os sinais de *stress* hídrico não são muito evidentes. O aspeto vegetativo é normal, prevendo-se um aumento significativo da produtividade (+215%, face a 2016, um ano ao nível dos piores dos últimos trinta anos).

Vindimas antecipadas e com maior produção

A campanha vitivinícola está adiantada cerca de duas semanas em relação ao normal, com grande parte das castas na fase do pintor/início de maturação. A floração/alimpa decorreu sem problemas e não se registaram, ao longo do ciclo, ataques significativos das principais doenças (míldio e oídio). A contínua falta de precipitação dos últimos meses, conjugada com as elevadas temperaturas, tem, nas vinhas de sequeiro, acentuado alguns sintomas de *stress* hídrico, como sejam o amarelecimento ou perda das folhas e o engelhamento dos cachos por desidratação. Apesar disso, estima-se um acréscimo de produtividade de 10% face à campanha anterior, havendo alguma expectativa sobre os efeitos da escassez de água na qualidade dos vinhos.

Na uva de mesa o aumento de produtividade ronda os 5%.

Produção cereais afetada pela escassa precipitação e calor em excesso

A conclusão da colheita dos cereais de outono/inverno nas regiões a sul do Tejo vem confirmar as previsões de decréscimo da produção face ao ano anterior (-10% no centeio, -15% no trigo mole, -20% na cevada e na aveia e -25% no trigo duro e no triticale). O fator decisivo para esta fraca campanha foram as condições climatéricas adversas (baixos níveis de precipitação e elevadas temperaturas) registadas ao longo do ciclo, em particular nas fases reprodutivas, com impactos negativos também na qualidade do grão.

www.ine.pt | Informações adicionais: Unidade de Comunicação e Imagem [Tel: 21.842.61.00 _ Fax: 21.842.63.73 _ uci@ine.pt]

Continente

Culturas	Produção 1 000 t						Índices	
	2012	2013	2014	2015	2016	2017 *	2017 * (Média 2012/16=100)	2017 * (2016=100)
CEREAIS								
Trigo mole	55	78	95	74	77	66	89	85
Trigo duro	4	3	4	6	13	10	147	75
Triticale	17	47	47	38	40	30	82	75
Centeio	15	18	18	15	16	14	88	90
Cevada	21	30	38	44	47	37	103	80
Aveia	31	60	67	49	66	53	97	80
CULTURAS SACHADAS								
Batata de sequeiro	28	49	56	31	29	29	78	100

* Dados previsionais

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de julho de 2017.

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE.

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)

www.ine.pt | Informações adicionais: Unidade de Comunicação e Imagem [Tel: 21.842.61.00 _ Fax: 21.842.63.73 _ uci@ine.pt]